

especial carne portuguesa

Produtores à beira

Os produtores portugueses de porcos, aves e bovinos estão a perder €5,5 milhões por semana. Os suinicultores, pagam €1,7 para produzir um quilo de carne, que vendem por €1,3. “Quanto mais tempo se vive assim?!”, questionam. Pedem um aumento de 40% no preço da carne ao consumidor

Filipe Paiva Cardoso filipecardoso@mediafin.pt

“É uma catástrofe”, dizem os suinicultores. “Estamos em falência técnica”, alertam os produtores de bovinos. “Não há outra saída senão aumentar os preços da comida, já”, pedem os avicultores. A situação da produção portuguesa de carnes está alarmante, dizem os responsáveis de cada área. São 5,5 milhões de euros de prejuízo por semana, que, por enquanto, estão a ser absorvidos quase na totalidade pelas empresas de rações [ver página 16], mas estas já não aguentam muito mais do que os 350 milhões de euros que já lhes são devidos pelos produtores. Soluções e culpados são fáceis de apontar e pede-se medidas para ontem.

“A carne de porco está em pré-falência, os bovinos também, as aves em dificuldades, quanto tempo é que vão aguentar mais?”, pergunta António Tavares, responsável na Comissão Europeia pelo Comité de Gestão da Carne de Porco. Pelos cálculos das seis associações e federações de produção de carne ouvidas pelo Jornal de Negócios, na suinicultura as perdas semanais ascendem aos três milhões de euros, na produção de bovinos rondam os 1,7 milhões e na avicultura ficam-se pelos 800 mil euros.

“Falência técnica”, sentencia Rodrigues da Silva, presidente da Associação Nacional de Engordadores de Bovinos (ANEB), que calcula em “210 euros” o prejuízo de cada animal vendido. “É pura matemática. Se me custa quatro euros produzir um quilo que vendo por 3/3,10 euros, das duas uma: ou o preço da carne sobe, ou o preço dos cereais desce, se não entramos todos em falência.”

**Produtores apontam o dedo às grandes superfícies**  
Quando chega a hora de apontar causas e culpados, ninguém hesita. “As grandes superfícies estão a fazer uma pressão diabólica para não pagar mais pela carne”, começa por dizer António Tavares, logo apoiado por Joaquim Dias, secretário-geral da Federação Portuguesa de Associações de Suinicultores, que lembra que o “consumidor não

tem sentido rigorosamente nada com toda esta convulsão que se vive na produção e indústria”. Mas, prevê o responsável de Bruxelas, “num ano” vai acontecer como no leite “e o preço da carne vai subir incontrolavelmente”, já que “uma série de produtores vão desaparecer e do excesso de oferta vamos passar para a escassez”. Também a ANEB aponta baterias aos “grandes espaços” que, acusa, “estão a contribuir para a destruição da produção nacional”.

António Rousseau, Director Geral da Associação Portuguesa de Empresas de Distribuição (APED), ouvido pelo JdN manifestou-se surpreendido com as críticas. “Ainda no outro dia estive num congresso da ANEB o dia todo e ninguém veio falar comigo a queixar-se”, referindo que até ao momento a sua associação “não recebeu qualquer intervenção de produtores ou associações a reclamar com a distribuição”. Sobre a crise em si, este responsável aponta que provavelmente “a dispersão dos produtores” seja a causa, concluindo que “acusar a distribuição por todos os males é um discurso que já não pega”.

**A génese da crise**  
Excesso de oferta, margens “esmagadas” e a “explosão” dos preços dos cereais. São estas as causas. Pedro Calado, da Associação dos Agricultores da Região de Alcobça, aprofunda: “Temos cartéis à entrada e à saída. À ‘entrada’ temos a Galp, a EDP e as empresas de adubo, tudo monopolistas, e à ‘saída’ temos os distribuidores. Todos se concentram e os agricultores tornaram-se no elo mais fraco”, lamenta, acusando a distribuição de vender carne “com margens de 500% até margens negativas. Como é possível vender carne a 1,99 euros o quilo!?”, questiona.

Mas o mais gravoso é mesmo o custos dos cereais. “Sem esta subida das matérias-primas seria uma crise cíclica, sazonal, que a curto prazo recuperaria. Agora, com a subida extraordinária no custo de produção, as coisas ficaram impossíveis”, conclui António Tavares.

Pedidos do sector ao Governo

- ➔ Os produtores pedem ao Governo um “sinal positivo e encorajador”, como a aplicação do “de Minimis”, regra da CE que permite a atribuição directa de ajudas até 7.500 euros por produtor, sem ser necessária uma autorização europeia.
- ➔ Pedem também que o Governo promova uma reunião com “as organizações representativas da grande distribuição” para que se estabeleça uma “estratégia comum” que vise minorar os “efeitos catastróficos” da actual conjuntura.
- ➔ As federações e associações ouvidas procuram também a suspensão temporária da Taxa Social Única e do Pagamento Especial por Conta.
- ➔ Contactado, o Ministério da Agricultura avançou “não responder a pedidos e exigências que chegam pelos jornais”, remetendo respostas para reuniões em sede própria.

